

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e o Ressentimento**. São Paulo: Editora Humanitas, 2014.

Leonardo Camacho de Oliveira¹

A obra *Nietzsche e o Ressentimento* do Professor Antonio Edmilson Paschoal² nos convida a reflexão em torno do relevante conceito do ressentimento na filosofia de Nietzsche, apresentando sua evolução na obra do filósofo. Igualmente, nos traz um diálogo com as principais influências e leituras de Nietzsche, elucidando elementos exteriores que foram apropriados, legando assim, clara visão sobre o caráter mais próprio e original do tema. Através dos seis capítulos em que a obra se divide o autor nos leva das origens mais remotas da temática do ressentimento até uma hipótese de futura superação do mesmo, traçando, em apêndice final, um instigante paralelo com atuações políticas contemporâneas.

No primeiro capítulo o autor inicia investigando a evolução semântica do termo ressentimento até sua apropriação por Nietzsche. Calcado na ideia do re-sentir, o filósofo o trabalha na sua acepção negativa, enquanto experiência decorrente de uma vivência não assimilada, que é revivida e potencializada, provocando sentimentos nocivos de vingança e “envenenando a alma” do ressentido. Dado a ampla noção nietzschiana de corpo, fundada em sua fisiopsicologia, o ressentimento conjuga tanto elementos fisiológicos quanto psicológicos, sendo valiosa a metáfora da vivência ressentida enquanto alimento incapaz de digestão e que por tal se torna nocivo – tenha-se em mente ser essa vivência, sobretudo, aquela da ofensa sofrida e não passível de reação imediata. Não obstante, a conotação individual, na qualidade de patologia do sujeito, o ressentimento também é tratado em seu espectro social. Enquanto vontade de poder que busca dominar, ele se coloca como fundador de uma moral e constrói uma concepção própria de justiça, de lógica retributiva, centrada no sentimento de vingança.

No capítulo seguinte a relação entre ressentimento e vontade de poder é explorada. Tal relação é fundamental para que se compreenda como o ressentimento pode ser transposto para vários planos, desde o individual até o social. Partindo do mundo concebido enquanto constante vir-a-ser, onde a fixidez e a perenidade são apenas vãs quimeras humanas, Nietzsche traz a vontade de poder enquanto modo de expressar essa dinâmica. A vontade de

¹ Mestre em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil. E-mail: leocamacho@globo.com

² Professor Dr. na Universidade Federal do Paraná, com larga pesquisa sobre a filosofia de Nietzsche é autor de vários livros como *Nietzsche e a auto-superação da moral*. 1. ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2009.

dominar aparece então como registro único a ser encontrado, desde relações sociais e políticas até a própria dinâmica interna dos impulsos interiores ao “sujeito” – torna-se claro o porquê a separação entre o físico e o psicológico se dissolve.

Em plano individual, com efeito, o ressentimento advém da fraqueza que impossibilita ao indivíduo a reação frente a uma ofensa. Essa última é internalizada, revivida e potencializada, despertando o corrosivo sentimento de vingança, que acarreta, segundo afirma Nietzsche com vocabulário fisiológico, aumento de secreções danosas, como a biliar no estômago, tendo, assim, como resultado um decréscimo ainda maior de forças – note-se que o ressentimento instaura um círculo de enfraquecimento.

Já no âmbito social o ressentimento é a base para a edificação de uma concepção de justiça centrada na vingança, que em primeiro lugar concerne aos fracos, visto serem os tipos suscetíveis ao ressentimento, mas logo é expandida em decorrência do chamado confronto entre Roma e Judéia, sendo o ideal romano clássico a efígie do tipo forte e nobre e a Judéia pátria mãe do ressentimento. Neste confronto, todavia, é o fraco que tem a dianteira, por ser incapaz de voltar seu impulso retributivo “para fora” acaba por internalizá-lo, o que amplia seu mundo interior e, apesar da dinâmica doentia, o torna mais esperto, sagaz e lhe amplia a memória. Em contraposição ao tipo nobre, que por reagir sempre de pronto a qualquer desdita, nada internaliza e pouco exercita a memória, sendo mesmo mais estúpido que o tipo ressentido. A sagacidade do homem do ressentimento lhe habilita um talento estratégico que o torna capaz de inverter os valores do forte, chama então a saúde do forte de vício e sua doentia natureza interna de virtude, lançando mão dos conceitos de culpa e pecado, enfraquece seu adversário e termina, vitorioso, por amansá-lo. Longe de se dirigir apenas contra o nobre opressor dos fracos, a sede de vingança da moral do ressentimento dirige-se a todo e qualquer um que seja diferente do tipo ressentido, buscando eliminar e impedir o surgimento de tipos destacados, cria, então, um rebanho homogêneo em seu ressentimento e ódio ao diferente. Chama o filósofo de “pequena política” essa estratégia de dominação pautada na sede de vingança, em oposição a “grande política”, que ele intenta propor, enquanto sociedade de cultivo de tipos destacados e, interessantemente, capaz de lidar com a diferença.

O terceiro capítulo debruçar-se-á sobre a intrincada relação de Nietzsche como leitor de Eugen Dühring, que se inicia com a busca por um contraponto à filosofia de Schopenhauer e culmina na crítica feroz, anos depois, desenvolvida na *Genealogia da Moral*. Resumidamente, a tese de Dühring afirma que a origem da justiça reside num impulso

humano natural à vingança, ao sofrer uma injusta agressão o sujeito desenvolve um impulso de retribuição, que consiste em um “olhar para trás” que clama por justiça ante o agressor, de tal modo que esta retribuição é tida como justa e assim fundamenta a própria justiça. Apesar do meritório esforço de fundamentar a justiça em um impulso e não em construções metafísicas, a proposta do Professor de Berlim demanda um conceito a priori de justo para avaliar a agressão e sua respectiva retribuição – Nietzsche reconhece tais fraquezas desde sua primeira leitura.

É, contudo, em 1887 que diálogo Nietzsche x Dühring tem seu maior desenvolvimento, na obra *Genealogia da Moral*, na qual as teses nietzschianas de justiça se desenvolvem a partir da negação das teses de Dühring. Para Nietzsche a justiça e o direito estão longe de serem apaziguadores do poder dos homens, com base num suposto impulso mecânico da autoconservação, eles são, outrossim, forma de expressão da vontade de poder, ferramentas da busca por domínio que asseguram a produção de maiores unidades de poder. Neste diapasão o direito se coloca com criação dos fortes que organizam coletividades e acaba por voltar-se justamente contra a vingança (que para Dühring seria a base do direito), podendo mesmo chegar ao ponto de prescindir da punição, pois longe de estar vinculado à retribuição o direito pretende “acomodar a situação”. Mesmo quando Nietzsche vincula o direito a uma relação de obrigação credor/devedor ele não se aproxima do paradigma criticado, tal relação obrigacional é muito mais ampla que a pura retribuição vingativa, pois as formas de quitar uma dívida são múltiplas, podendo-se pensar num pagamento positivo, restaurativo do ofensor ao ofendido. Faz-se necessário, entretanto, compreender a estratégia e método da crítica nietzschiana à Dühring, ela se dá, não no âmbito pessoal, mas toma o autor como “lente de aumento”, como símbolo de algo contra o qual se trava uma guerra, no caso em questão, simbolizando a decadência geral da cultura alemã e a moral do ressentimento, promotora do “apequenamento” do homem. Neste sentido, a crítica preocupa-se com os efeitos práticos da teoria, ao invés que questionar a validade lógica das premissas, Nietzsche ataca Dühring por ver nele uma defesa da moral do ressentimento, um discurso que pretende, com nova roupagem, legitimar valores platônicos e cristãos de negação da vida.

Outra fonte de fundamental importância para a concepção nietzschiana de ressentimento é abordada no capítulo seguinte. O contato com *L'esprit Souterrain* de Dostoiévski³ marca um ponto de viragem, pois é após tal contato que Nietzsche constrói sua concepção mais elaborada de ressentimento e afasta-se definitivamente da tese de Dühring,

³ Adaptação francesa com base nos livros *A senhoria* e *Memórias do subsolo*.

criticando-a. Tal como feito no capítulo anterior o autor reconstrói através de cartas e biografias os momentos de contato entre Nietzsche e o escritor russo. Toma destaque, não obstante, a influência de *Memórias do Subsolo*, que apesar de lida na edição francesa modificada, mencionada em nota, provocou forte impressão no filósofo. O paralelo entre o filósofo e o escritor se dá num certo espelhamento entre o homem da consciência hipertrofiada do russo e o homem do ressentimento do alemão, bem como o do *homme de la nature et la vérité* e o homem nobre nietzschiano. O homem camundongo de Dostoiévski tem por característica a incapacidade de reagir frente uma ofensa, a qual revive constantemente em sua memória hipertrofiada, inclusive ressaltando pormenores vergonhosos e os potencializando – inábil que é de esquecer, não consegue viver no presente, corrói seu interior com o ressentimento e desejo vingança e não logra se relacionar de forma saudável com os outros. Seu antípoda, por outro lado, é o típico homem de ação, capaz da reação pronta e dotado de forte capacidade para o esquecimento, estando, por isso, livre da interiorização de ofensas, coloca-se, todavia, próximo ao idiotismo, pois sua memória hipotrofiada lhe faz certo modo estúpido.

Vê-se a inegável proximidade entre os personagens de Dostoiévski e os tipos nietzschianos apresentados anteriormente, outrossim, cabe ter-se em mente relevantes diferenças: Nietzsche não constrói personagens, mas “tipos” que reúnem características e representam manifestações de ordenações momentâneas de forças que buscam dominar, desta feita, o filósofo parte da refinada psicologia do autor russo para a construção de seus tipos e ao fazê-lo, porém, reinsere os mesmos num âmbito social/moral. O ressentimento é apresentado como vontade de poder criadora de valores que praticamente definem o ocidente há dois mil anos. Torna-se claro o quanto Nietzsche aprende com o “psicólogo” Dostoiévski, mas igualmente o quanto extrapola as pretensões do escritor, pois constrói tipos que articula numa cruzada contra a moral platônico-cristã, pretensões distantes do cristão ortodoxo que coroa o panteão da literatura russa.

No sexto capítulo o autor investiga o tema da “má consciência” e sua intrincada relação com o ressentimento. Seguindo a metodologia já utilizada, mapeia as ocorrências do termo na obra de Nietzsche, as quais, em sua maioria, remetem a um conflito interno ao sujeito que age em contradição com sua crença moral, tendo assim uma conotação religiosa. Será, contudo, na *Genealogia da Moral* que se encontra o que o autor chama de hipótese de Nietzsche acerca da “má consciência”. A construção dessa hipótese inicia com um estudo genealógico do processo “civilizatório” do “animal homem”, que se dá sob a égide da

violência e acaba por criar nele uma capacidade para memória, tornando-o ser previsível, capaz de fazer promessas e cumpri-las. Não é, todavia, desta dor que se desenvolve a “má consciência”, tal sofrimento, ao contrário, endurece o homem. É, não obstante, da passagem do homem “animal” para o homem “civilizado” que a “má consciência” surge, pois, ao ver-se cercado pela “camisa de força” do social, o sujeito se torna incapaz de dar vazão aos impulsos animais que, no entanto, continuam a demandar satisfação. Neste caso, segue-se a regra - que se faz igualmente determinante no caso do ressentimento - o impulso que não é “posto para fora” acaba por voltar-se “para dentro” e o fenômeno da interiorização do homem se processa. É, com efeito, diante do antagonismo do homem enquanto ser cindido, dividido entre sua animalidade e a necessidade de civilizar-se, que ele padece do sofrimento consigo mesmo e a “má consciência” se desenvolve.

Entrelaçamento relevante se dá com o desenvolvimento da noção de dívida, igualmente decorrente do “processo civilizatório”. Esta surge com a reverência aos ancestrais, reconhecendo-se uma dívida para com os serviços por eles prestados à tribo ou clã e culmina com a universalização da dívida pela própria existência, vinculada ao conceito cristão do pecado original, o qual marca o momento em que tal noção é apropriada pela moral do ressentimento. Esta dívida originária serve aos propósitos desta infecta moral, ao servir de “explicação” para o sofrimento acarretado pela “má consciência”. O homem continua a sofrer com sua “natureza cindida”, mas agora, sob o duro jugo da moral cristã, seu sofrimento tem um sentido, pouco lhe importa se tal sentido aponte para o vazio de um além mundo metafísico, tenha-se em mente a notória passagem de Nietzsche: “o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer...*” (GM, III, 28). Interessante que embora aparentemente próximo do ressentimento a “má consciência” afeta não ao fraco incapaz de reação, mas o forte que tem sua “natureza” reprimida; em sua origem, outrossim, a “má consciência” nada tem do tipo ressentido, sua apropriação pela moral escrava é posterior, diferentemente do ressentimento que já nasce sob o estandarte da moral escrava.

O derradeiro capítulo da obra nos lega um estudo das possibilidades de se colocar além do ressentimento; tendo tratado de sua origem e desenvolvimento, o autor fecha o ciclo de estudos sobre o tema com possíveis formas de superá-lo. Antes, no entanto, ressalta a metodologia do ideal ascético de apaziguar o ressentimento por meio de direcioná-lo para o interior do próprio sujeito: ao convencê-lo de sua culpa e total responsabilidade pelo sofrer de sua existência, evita que a sede de vingança os coloque uns contra os outros e dissolva o

rebanho em conflitos - o leitor deve ter em mente, não obstante, os nefastos resultados de uma tal metodologia no sujeito, tornado prisioneiro do círculo vicioso do ressentimento.

A primeira possibilidade de colocar o ressentimento atrás de si é associada ao que o autor chama utopia do além do homem, ela se define por apontar para condições que sejam capazes de fomentar um tipo elevado e dotado da força que sua difícil tarefa exige. Diferentemente do tipo fraco que necessita da calma dos verdes pastos férteis, o tipo forte é gestado na adversidade, é nas condições mais duras que a tensão aumenta no interior de “sua alma”. Um tal tipo é capaz da reação pronta que afugenta os vermes do ressentimento e igualmente possui a força plástica do esquecimento, por meio da qual adquire a capacidade de hierarquizar suas vivências e digeri-las propriamente.

A segunda possibilidade abordada enfrenta uma realidade mais sombria, onde a escassez de força impede uma atuação heroica, como a antes apresentada. Neste quadro Nietzsche recomenda o “fatalismo russo”, o colocar-se num estado de redução máxima do metabolismo, semelhante a uma hibernação, impedindo uma descarga imediata dos impulsos e amalhando forças para, quiçá, num tempo futuro renegar ao ressentimento - tal prática também está relacionada a uma higiene de si, que evita perturbações, esta de cunho budista. A terceira e última possibilidade conecta-se com a aceitação incondicional do próprio destino, expressa no *Ecce homo* como *amor fati* e no *Anticristo* vinculada ao tipo Jesus. Aquele que é capaz de amar sua própria fatalidade está imune a qualquer sentimento reativo, coloca-se, portanto, além do ressentimento e renega aos conceitos do “pecado”, “culpa”, “dívida” e “pagamento”. Desenham-se para o leitor, assim, caminhos e sendas promissoras na luta contra o ressentimento, que embora não possam ser reunidas numa concepção unitária, pintam o experimentalismo da filosofia nietzschiana.

A obra se encerra com um instigante apêndice, dotado de caráter especulativo, que visa demonstrar a validade da interpretação nietzschiana do ressentimento para a contemporaneidade. Nele duas leituras neste sentido são apresentadas, uma primeira que se pauta pelo sentido negativo da moral do ressentimento, que na especulação de Peter Sloterdijk centra na sede de vingança o motor das guerras e conflitos dos séculos XX e XXI. Já a segunda lança mão da face positiva da abordagem de Nietzsche, observando na política não revanchista e conciliadora de Nelson Mandela na África do Sul pós *Apartheid*, uma forma saudável de lidar com o passado, relevando desditas e ofensas pela força plástica do esquecimento.

Na obra aqui resenhada, o leitor poderá encontrar uma abordagem ampla e bem construída sobre a questão do ressentimento na filosofia de Nietzsche, assentada em pesquisa de longa data conduzida pelo autor. Acreditamos que a obra tem sucesso em utilizar-se de várias abordagens de diferentes raízes metodológicas para o tema. Recorre a uma pesquisa histórica da evolução do termo ressentimento, aclarando sua trajetória até o contexto de Nietzsche, bem como se utiliza de uma análise da evolução do tema de forma imanente à obra nietzschiana, o que esclarece seus diferentes usos e nuances. Igualmente, trabalha a questão com cuidadoso rigor, levando em conta a estrutura e os movimentos principais da *Genealogia da Moral*, obra chave para o ressentimento. Soma-se a isto ainda um precioso estudo de duas fontes fulcrais para a temática, Dühring e Dostoiévski e, por meio desta, aplaca a danosa tendência dos estudos em filosofia de tratar o pensador isoladamente, como se a cada linha sua um conceito pleno de originalidade brotasse. Desta forma o autor nos lembra que o filósofo, antes de autor, é leitor e é justamente na forma como se apropria de conceitos correntes, atribuindo-lhes nova significação e importância, que reside sua genialidade. Ao demarcar as influências de Nietzsche, desmistifica sua abordagem e mostra seu real valor.

Também é digno de nota o esforço final, presente em forma de apêndice, que retira do trabalho os tons de cinza da genealogia e da exegese, transpondo o debate para o colorido da atual realidade histórica, elucidando o valor que as noções nietzschianas possuem para dar conta da conturbada contemporaneidade.

Como toda pesquisa faz opções e concede prioridades, sem preterir, todavia, nenhum tema fundamental à questão do ressentimento, porém, o referido estudo fomenta no leitor a vontade de ver uma pesquisa, com semelhante qualidade e valor, que abordasse a interessante relação da moral do ressentimento com o livre-arbítrio, esclarecendo como a crença no sujeito livre é usada e, mesmo, tornada necessária ao homem do ressentimento.

Recomenda-se assim, a presente obra, como estudo obrigatório, em linguagem clara e precisa, para todos aqueles que se interessarem pela instigante questão do ressentimento e pelo pensamento de Nietzsche em geral.